

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Luana Lorena Sato

Entrevistados: Gabriela Letto Montilha

São Paulo, 29 de julho de 2021

Duração: 1 hora e 19 minutos

Realizada na plataforma Google Meet

No silêncio do olhar

Luana: Primeiro vou pedir você falar seu nome e quando você nasceu. E já seguindo para o começo da nossa conversa, você lembra a primeira vez que viu essas fotografias? Se sim, como foi para você?

Gabriela: Meu nome é Gabriela Letto Montilha e meu aniversário é dia 12 de abril de 1995. Eu lembro da primeira vez que vi essas fotos da tia Isis. Na verdade, a minha memória com essas fotos começa mais forte quando ela morreu, acho que foi em 2010 se eu não me engano. Quando ela morreu minha família e eu fomos para Bauru, a cidade do meu pai, onde está a família dele até hoje, onde a tia Isis morava. Estávamos olhando umas caixinhas com coisinhas, lembro que tinha um isqueiro e lembro que peguei esse isqueiro pra mim. Era um isqueiro da Vera, a companheira dela. Era um isqueiro bem bonitinho, com as iniciais dela escritas. E tinham várias fotos... Objetinhos mesmo, coisinhas de casa, de senhora... Estávamos vendo com a família e então minha tia Ester pegou uma foto, uma três por quatro, fotinho pequena, e falou assim: "Olha aqui a Cururu", agora eu lembrei do nome porque ela falou recentemente, eu não lembrava, "a Cururu, o primeiro caso da tia Isis". Eu conheci ela quando ela era velha já, então ela era uma senhora de bermuda, sem sutiã, fumante, estava sempre fumando, com aquela voz de fumante... Um pouco assustador até, para uma criança. Eu já te falei que sei que lésbicas existem desde muito cedo porque eu via na novela e eu tinha a sensação que eu seria algo do tipo. Eu olhava pra ela e desconfiava, pensava: "Nossa, ela não é casada, mas ela mora com uma mulher...". Eu perguntava pra minha mãe e ela respondia: "Ah, elas são muito amigas". Minha família sempre tratou desse jeito, não era uma coisa falada e era normal, tia Isis e tia Vera moram juntas. Foi nesse momento, ao olhar em família coisas e fotos dela depois que ela morreu, minha tia pegar a foto e falar: "Olha o primeiro caso da tia Isis", que pensei: "Nossa, tem coisa aí pra eu ver". Não foi dessa vez que eu peguei a caixa, porque ela tinha acabado de morrer e estava todo mundo fazendo outras coisas com aqueles objetos. Lembro que peguei esse isqueiro e foi só isso. Não vou saber depois de quanto tempo foi, em uma outra vez que fui pra Bauru, minha vó tem esse quarto na casa dela com uma cama e um monte de coisa velha, sabe? Têm uns móveis, umas caixas, têm fotos, cartas... Eu sempre vejo umas cartas que meu pai mandava quando ele estava na faculdade... Sabe coisa velha guardada? Eu achei essa caixa, uma caixinha muito bonitinha, faço questão de contar: era uma caixa de madeira. Meu tio avô, que é o irmão do meu avô e da

tia Isis, ele era... Não sei se ele era carpinteiro, eu sei que ele entalhava móvel de madeira. Era uma caixa de madeira bonita, cheia de desenhos e com muitas fotos dentro. Quando eu vi essa caixa lembro que até comentei com a minha avó: "Ah, tem uma caixa cheia de foto, eu estava olhando...", e ela falou: "Essa caixa tem um monte de coisa da tia Isis". Sabe quando você vai olhando foto e aí tem um monte de fotos, um monte de foto de gente que você nunca viu, só que você vai ver todas pra ter certeza de que você não pulou nenhuma que não dá pra pular? Comecei a ver e descobri essas fotos dela sendo uma figura jovem muito interessante, toda arrumada só que bem sapatão por trás do vestido, com as colegas, com várias mulheres interessantes naquela foto em que estão todas sentadas em uma cerca... Comecei a achar muito bonito tudo isso... E também depois fui fuçar em fotos mais recentes, dos anos 1990, quando a tia Isis já era bem velhinha, quando eu estava nascendo, e aí tem fotos dela e da Vera juntas também, de mãos dadas. Uma coisa completamente aberta, por mais que não se falasse que eram casadas ou que tinham um relacionamento como qualquer outro casal, elas conviviam dentro da família como um casal, estavam sempre de mãos dadas, eram companheiras ali. Todo mundo sabe e ninguém fala... Nada de novo sob o sol... Mas vamos indo atrás dessas fotos, não é mesmo?

Luana: Minha outra pergunta você já começou a responder, gostaria que você contasse um pouco mais sobre as memórias que você têm da tia Isis. Não sei se você quer contar alguma outra, porque você já contou algumas, né? Fica a vontade.

Gabriela: Vou falar de quando eu era pequena, não consigo pensar nela sem lembrar de um certo mistério, misturado com um pequeno estigma. Eu tenho memórias de ser criança e ir pra Bauru, que é onde toda a família do meu pai mora ainda, nunca saíram de lá, só o meu pai saiu. E aí você encontra vários tios velhos e seu pai diz: "Ah, meu tio..." e você nunca viu a pessoa na vida. Então eu lembro bastante da tia Isis ser um pouco disso no começo. A gente ia pra Bauru, ficava na casa da minha avó e aí tinha o dia que meu pai falava: "Hoje a gente vai visitar a tia Isis". Eu lembro de me perguntar: "Por que tem que visitar a tia Isis?" e meu pai falava: "Eu gosto dela, é minha tia...". Ela morava bem do lado do trilho do trem, eu lembro muito disso, é uma memória muito forte, a de chegar em cima de uma espécie de viaduto, e aí tinha a casa e do lado, em baixo, passava o trem. A gente chegava e tinha um portãozinho, tinha que bater palma. Eu não lembro muito bem de quando ela ainda morava com a Vera, eu acho que a Vera morreu em 1999, eu tinha quatro anos, mas a minha mãe conta que elas eram muito carinhosas, gostavam bastante de mim. A Vera inclusive era de Umbanda, minha mãe fala que ela me benzia com um cinto. Eu lembro inclusive que na sala da tia Isis... Você entrava em um portãozinho, aí tinha um corredor longo que dá pra ver em duas fotos, nas fotos em que elas estão com as flores. E tem uma outra foto que a tia Isis está com uma mulher com um cabelo muito estranho, meio alto... Que tem uma montanha atrás. Tem um muro, esse muro era o parapeito que dava pro trilho do trem e atrás tinha a montanha, era um lugar aberto onde passava o trem. Quando o trem passava tremia tudo,

tremia a casa... Era marcante, era tudo muito marcante... Eu era muito nova mas era marcante em vários sentidos, ela é uma figura marcante, pra usar essa palavra mais uma vez. A gente entrava na casa e eu lembro, vou até falar, dava de cara para o banheiro, aí você virava e já tinha a sala. A gata dela sempre se escondia, se chamava Granpola, aí era: "Cadê a Granpola?" Uma gata manchadinha, eu lembro bastante de olhar ela por trás do sofá, escondida. Na sala tudo era coisa de casa velha, quem gosta de coisa velha... Cheiro de mofo de madeira, sabe? Eu gosto. Era bem aconchegante. Aquele estofado de couro em que o couro está rasgado e sai uma espuminha? E tinha um quadro de um Preto Velho na sala também, fumando um cachimbo. Era muito marcante e era escuro. Tinha esse Preto Velho fumando um cachimbo, a tia Isis era uma senhora rouca de fumar, que dava muita risada e brincava muito comigo. Eu lembro que ela sempre falava: "Por que você não vem passar um fim de semana comigo? A gente vai no parque!". Eu lembro também que tinha bastante bolachinha maisena na casa dela, ela sempre pegava um potinho de vidro e oferecia bolacha... Essas são as memórias que eu tenho. Não lembro o que eu achava na época, mas eu gosto bastante desse tipo de casa hoje em dia, então eu lembro com bastante carinho, acho bonito... Minhas memórias mais fortes dela são de depois da Vera morrer, porque eu era muito nova quando ela morreu. Eu lembro de ir visitá-la quando eu ia pra Bauru, e ela estava sempre sozinha nessa casa bonita e escura. Então era um pouco triste ao mesmo tempo, eu sentia uma melancolia, acho que é uma visão minha mesmo, não necessariamente dela, mas uma visão de uma senhora que mora sozinha e que era muito diferente, muito sapatão [risos]. Mas eu lembro que ela era uma pessoa divertida, eu lembro dela falar e rir, e também lembro bastante de quando ela tinha problemas, eu lembro dela chorar. Sabe quando seus pais estão conversando com alguém mais velho? Meu pai realmente tinha uma proximidade de sobrinho, que eu não entendia, pra mim ela era só uma senhora da minha família distante. Mas eu lembro da minha mãe e do meu pai conversando

com ela, e sabe quando você vê uma pessoa velha chorando? O rosto da pessoa fica vermelho... Eu tenho essas memórias, ela tinha um olho azul bem pequenininho, aí o olho ia ficando fundo... Falava de alguns problemas, mas também dava risada.... Então eu tenho esse flashes, e eu acho que todos esses flashes que sempre me marcaram na figura dela, na casa, na sensação que ela me passava, de medo, estranheza, ao mesmo tempo que ela morava em um lugar bem bonito, se juntam com o fato de eu ter sempre desconfiado que ela era lésbica. Assim como, pelo que eu pude entender falando com a minha tia e com pai outro dia, também na vida inteira deles foi uma desconfiança, ainda mais naquela época para as pessoas do interior, não se pensava: "Ah, minha tia lésbica", não, nem se falava sobre isso. Me deparar com figuras que me remetessem ao que eu passava era marcante, então ela sempre foi marcante. Ela conseguiu ser lésbica em um momento e contexto familiar em que isso era tão invisível que muita gente não... Eu sei que existiram lésbicas sempre mas eu fico muito feliz e impressionada que na minha família uma pessoa relativamente próxima possa ter tido a oportunidade de se conhecer e se afirmar, até o limite dela, pra conseguir viver seus desejos. E também tem o seguinte, essa casa onde ela morava acho que era do meu bisavô, era a casa onde ela cresceu talvez... Meu avô, meus tios avós... E ela

ficou com essa casa. Eu não sei com o que ela trabalhava, mas eu sei que a Vera trabalhava em uma tipografia. Então ela tinha onde morar e era casada com alguém que trabalhava, ela tinha a vida dela. Ela pôde fazer isso, pôde ficar perto da família, pôde ser querida. A única coisa é que ninguém falava sobre isso. Acho que é um grande lucro comparado com o que a gente sabe, a história das lésbicas no mundo... Vejo essa história como algo bonito, me deixa feliz de saber. Que bom que foi ameno, sabe? Uma coisa amena. Não é ideal, ninguém fala disso, minha família é muito quietinha, mas não era uma grande coisa. O legal é que ela conseguiu viver, conseguiu ser ela.

Luana: Você sente que as suas memórias da tia Isis mudaram depois que você viu as fotos?

Gabriela: Acho que eu sempre olhei pra tia Isis como uma forma de olhar pra mim também, sabe? Como uma referência na família de alguém que era lésbica. Ser lésbica faz parte da minha história, sou atravessada por isso minha vida inteira. Então olhar pras fotos dela em uma idade em que isso já era um grande orgulho e uma felicidade na minha vida... Eu acho que é isso, foi olhar pras fotos em um momento diferente. Eu poderia dividir a minha memória da tia Isis em dois momentos, um em que eu lembro de virar pra uma amiga minha, quando eu tinha uns 13 anos, e falar: "Eu não quero ser tia avó, não. Não quero ter sobrinhos netos. Eu quero casar, ter filhos, não quero ser lésbica", ninguém sabia que eu era lésbica, só eu, e eu ficava falando: "Não, imagina ficar sozinha...", porque eu lembrava dela, eu tinha essa imagem de solidão, esse romantismo na ideia de família. Então eu divido entre o momento em que ela era uma figura meio triste talvez, aos meus olhos, pela minha interpretação de como as coisas deveriam ser na vida; e depois que eu descobri que ela era lésbica, quando a minha tia tirou aquela foto e falou: "Olha o primeiro caso da tia Isis", nessa época foi bem quando eu estava me assumindo lésbica para os meus amigos, quando eu já estava me orgulhando disso. Olhar pras fotos dela com a Vera, sabendo que elas eram mesmo um casal, me fez olhar pra ela não mais com esses olhos de tristeza: "É triste ser ela", mas sim: "Como é bom ser ela", sabe? Quando eu ressignifiquei tudo isso na minha vida ela já não estava mais viva, mas eu pude ver a história dela pelas fotos. Ir atrás das fotos e ver ela jovem, ver como ela se vestia, como era a postura dela... Foi diferente, foi olhar pra essas fotos olhando pra uma pessoa que conseguiu bancar os desejos dela. Sem falar de luta, de enfrentamento, mas uma coisa sutil mesmo, de uma existência, de uma vida, e ficar feliz por ela. Falando da tia Isis eu lembrei de uma coisa

que eu sempre falo pras pessoas, de uma grande amiga minha, a Lara, que é lésbica também. A gente estudava na mesma escola, eu estudava de manhã e ela de tarde. Eu não conhecia ela, mas teve alguma atividade na escola que os períodos se misturaram. Eu lembro de ver ela passando bem caminhãozinha, de bonézinho. A gente tinha uns 10 anos e ela era toda estranha também, eu identificava que era um jeito específico de ser. Lembro de pensar: "Nossa, essa menina é igual a mim, ela deve passar os mesmos problemas que eu". Tinham umas questões de gênero, porque eu acho que gênero e sexualidade na infância acabam se misturando um pouco, dependendo da

história da pessoa é diferente, mas era isso, meio sapatão mesmo, talvez hoje em dia fosse visto como criança trans... Eu tinha consciência de que as pessoas me julgavam como menina-homem, me chamavam de menina-homem quando eu era criança. Eu tinha consciência de que isso era um problema, meu jeito causava uma coisa ruim nas pessoas e eu tinha consciência de que eu desejava mulheres, era uma criança com sexualidade, eu gostava de mulher. Eu vi a Lara e pensei: "Ela deve passar pelas mesmas coisas". Então olhar pra tia Isis também era meio assim: "Ah, tem o mesmo problema ali". Enfim, é isso, eu consigo dividir em momentos de olhar com pesar e com alegria. E ver nas fotos coisas que eu não sabia sem ver as fotos. Eu não sabia que ela teve uma juventude feliz perto de outras mulheres, como ela já foi jovem com a Vera, eu não sabia quanto tempo elas estavam juntas, porque como elas não estavam juntas verbalmente pra família inteira você não podia falar: "Ah, quando que foi?", não era um assunto normal. Inclusive, estar olhando para essas fotos agora com você me possibilitou falar com a minha tia e ela me contar mais histórias. Ela lembrou de quando a Vera chegou na vida da tia Isis e ela era criança. Então elas viveram bastante tempo juntas. Com certeza olhar as fotos mudou a minha visão dela, mas por conta disso tudo, de poder ver coisas que eu não sabia e em um momento que eu sabia que ser lésbica como ela era é bom, e não uma coisa ruim.

Luana: Eu sinto que algumas coisas na vida a gente vê pela primeira vez mais de uma vez. Você sente que isso aconteceu com as suas memórias da tia Isis?

Gabriela: Eu acho que sim. Eu tenho bastante isso com as fotos, com a caixa das fotos. Isso me lembrou do seguinte, toda vez que eu vejo essa caixa eu fico com vontade de encontrar algo a mais, é como se eu estivesse procurando essa primeira vez: "Tem que ter alguma coisa aqui que eu não tenha visto, algo mais...". Isso me remeteu a encontrar fotos de outros familiares até, mais especificamente de outro irmão do meu avô e da tia Isis, porque ele é muito parecido com a minha irmã. Eu fico sempre olhando tanto essa caixa de fotos que acabo me deparando com essas outras figuras e encontrando mais coisas, vendo traços da família nessas fotos. Eu vejo muito a minha irmã nos traços da família do meu pai. Eu diria que eu gosto muito de olhar pras fotos da tia Isis sempre. Gosto também de olhar pras fotos dela velha, velhinha mesmo. Tem um álbum de fotos que ela está na praia com a Vera e elas estão no mar de mãos dadas. Eu não sei se eu poderia dizer que sempre que eu olho pras fotos eu vejo algo pela primeira vez, mas eu com certeza sempre busco ver. Sempre tento achar alguma coisa, eu sempre fico olhando os detalhes. Uma coisa que eu não comentei, o que eu acho fascinante nessas fotos é que não dá pra saber direito a data delas. Algumas com a tia Isis jovem eu não sei o que é mais antigo, o que é menos antigo. Mas aí você vê várias fotos, você pega umas quatro fotos de anos provavelmente diferentes e ela está um pouco diferente, ela está jovem mas está um pouco diferente em cada uma delas. Aí eu fico olhando e pensando, quando será que ela estava mais jovem? Olhar as fotos da tia Isis pra mim é olhar o personagem dela e tentar absorver o máximo que eu puder do personagem dela naquela cena, sabe? Não só a foto inteira. Eu fico sempre focando ali, nela. Por

que ela é uma figura

marcante na minha vida. Eu diria que eu tenho um carinho e uma relação muito especial com as fotos e com olhar as fotos. Acho incrível pegar pequenos personagens que você tem alguma coisinha, sabe? "Ah, esse familiar ou essa pessoa... Eu quero ver", nas fotos, eu quero ver onde é que ela estava, como que ela estava lá... Fica aquele mistério no ar. Tem aquela foto que ela está na praia de mãos dadas com uma criança e tem uma mulher com ela, sabe essa foto? Eu não tenho ideia de quem são essas crianças nem essa mulher, e eu fico pensando: que viagem é essa? Não dá pra saber, não tem nem muito o que perguntar... Talvez alguém saiba, talvez algum dia eu possa virar e perguntar: "Quem são?". Mas aí você olha essa foto... Eu acho ela muito bonita, eu acho o maiô dela e das mulheres muito legal e eu não sei nada, só vem aquela sensação de mistério, de uma foto de um dia que aconteceu nesse mundo, e dá uma sensação muito boa. Olhar todas as fotos dela na maioria das vezes é sobre isso hoje em dia, porque muitas coisas eu não sei, mas eu gosto de ver que ela estava lá, sabe?

Luana: Parece que o seu olhar busca um retrato da tia Isis em cada uma dessas fotos...

Gabriela: É a coisa do seu olhar fazer o retrato, né? Porque eu estou buscando a figura dela... Acho que esse é o jeito que eu olho, porque quando você vai olhar fotos para investigar a memória registrada de uma pessoa específica você está olhando pra pessoa. Você não está olhando pro contexto, quer dizer, você está olhando pra tudo, mas a pessoa é o personagem principal. Porque é uma busca, ir atrás dessas fotos foi uma busca, uma busca de entender uma coisa que ninguém falava mas todo mundo pensava... De descobrir a história de alguém na família que tem a ver comigo... Têm várias coisas pra descobrir olhando, em torno dela.

Luana: Tanto as fotografias como as histórias orais, os relatos orais, são duas formas muito comuns de memória quando falamos de memórias familiares. Onde você sente que essas duas coisas, as fotografias e os relatos orais, se tocam? Mas também onde você sente que eles seguem caminhos diferentes quando você olha pras memórias da tia Isis?

Gabriela: Parece que olhar pras fotos é um pouco sem relatos, olhar para essas fotos é um pouco mudo. É sobre ir em silêncio atrás dessa caixa de fotos pra ver se eu encontrava alguma coisa sobre a qual ninguém falava. Pra mim "olha aqui o primeiro caso da tia Isis" é um relato que se cruza com a foto, que eu nem sei que foto é. Eu lembro que a minha tia pegou uma foto pequeninha, que eu não sei quem é, nunca mais vi e não olhei direito daquela vez, faz muito tempo... Então é como encontrar uma coisa, sobre a qual você sabe que existe, todo mundo sabe e ninguém fala, e você vai olhar e não tem história oral que acompanhe aquilo. Pelo menos até hoje, na minha experiência olhando essas fotos. Agora eu tenho uma ou outra, eu juntei com a minha tia dizendo que ela desconfiava mas ninguém nunca falava disso, que ela era muito discreta, que não era uma questão pra ela, meio moral até, como: "Ela não ficava defendendo isso

como uma bandeira", as pessoas vão pra esses lados as vezes pra falar dessa questão da discrição. Então vêm comentários soltos ou comentários em resposta a algum questionamento que eu fiz. Eu descobri, por exemplo, que quando a Vera entrou na vida da tia Isis ela deu presentes pra minha tia e pro meu pai, ela levava cadernos... Então ela era uma tia legal. Vem essa noção de que elas eram lésbicas e era velado, mas elas também se configuraram de um jeito, em uma família mais normativa, não eram um casal mas eram, convivia-se, levava-se presente, como qualquer sobrinho. Veio essa história de antes da Vera também, minha tia falou: "Antes da Vera a tia Isis tinha outra pessoa, que era a Cururu, aí depois... A gente nunca falava disso, né Carlos? Depois que a Vera morreu eu fui entender melhor...", porque era tão velado e minha família é tão tímida... Então essas coisas que são

tabu, parece que assustam, eles não falam, não olham. Acho que essas fotos não vem com relatos do que aconteceu: "Ah, essa foto foi assim...", até porque ninguém estava, quase ninguém estava lá nessas fotos, ninguém que eu convivo. Eram pessoas do círculo da tia Isis, amigos, a Vera, outras mulheres que eu não sei quem são.... E eu posso perguntar coisas sobre a vida dela que são paralelas a essas fotos, que tem a ver com o casamento dela principalmente, porque foi uma coisa mais presente na vida de todo mundo da minha família. Eu tenho essas poucas junções das fotos com a história oral, são muito mais fotos silenciosas. O silêncio e as fotos. Ir olhar as fotos em silêncio, sobre uma história silenciosa. E eu acho que isso é muito legal também, porque você descobre coisas... É meio misterioso, e ela sempre foi meio misteriosa mesmo.

Luana: O tempo age sobre as memórias, acho que boa parte do que você falou na nossa conversa conta disso, do tempo agindo sobre as memórias, sobre as suas memórias. Eu queria te pedir pra você falar sobre isso, sobre a ação do tempo sobre as memórias.

Gabriela: A primeira coisa que me vem à cabeça quando uma pessoa me fala que o tempo age sobre as memórias é aquele quadro do Salvador Dali, sabe? "A persistência da memória", acho que esse é o nome. É o quadro dos relógios derretidos. Acho que eu fiz algum trabalho sobre esse quadro na escola e lembro que isso me marcou muito, porque eu gostava muito do Salvador Dali, eu adorava essas coisas surreais... Hoje em dia eu sei que ele era uma pessoa péssima, mas enfim... Eu lembro de refletir bastante sobre o nome. Isso do relógio derretendo e se chamar "Persistência da memória". É justamente sobre essa ação do tempo na memória. Você viveu uma coisa ontem, aí hoje quando você vai lembrar já está colocando sua visão de hoje em cima do passado, e a cada dia que passa você vai olhar de outra forma, não só porque você mudou, mas porque a gente inventa, a gente esquece coisa... A gente olha pro que foi de um jeito diferente, mas a gente também tira e põe coisa, baseado no que a gente é agora, e a gente cria ficções. Viver é sobre isso também, né? Sobre criar ficções em cima das coisas. Falando sobre isso, de quando a gente olha pra uma coisa do passado com o olhar de hoje, depois com o olhar da semana que vem e assim vai, acho que eu não consigo não pensar sobre aquilo que eu falei, como a gente significa

o que estamos vendo. Eu concordo com o que você falou, as memórias mudam com o tempo. Isso é um pouco perigoso às vezes, tenho um pouco de medo disso, acho que eu tomo muito cuidado pra pensar, por exemplo, nas memórias da tia Isis, no olhar que eu tenho. Depois que eu me fortaleci enquanto lésbica e descobri que ela era um caso de lésbica na família, eu olhei de uma forma pra ela que era diferente da que eu sempre tinha olhado, que era antes de medo, e passou a ser com orgulho, admiração e com carinho. E com curiosidade, muita curiosidade de ver o que é que tinha ali, o que é que eu posso encontrar nessas fotos que ninguém sabe ou ninguém contou, que só as fotos podem mostrar, em silêncio... E aí agora, olhando essas fotos pra falar delas pra você eu estou olhando com um outro olhar, um olhar também de orgulho, de vontade de compartilhar mais essa história, essa memória, esse carinho. E também com um medo e um cuidado de não expor ela. Eu tenho plena consciência e vontade de passar isso pra frente de uma maneira que não seja sobre mim, eu posso contar como eu olho pra isso mas acho incrível poder compartilhar testemunhos em silêncio de um casal, em fotos de família, que eram lésbicas. E um pouquinho do meu olhar de carinho, a história de como era antes e o que virou depois, e o que ela significou pra mim. Tem uma coisa que me pega muito, que eu acho muito especial, lembrei agora e não posso deixar de falar. Quando eu olhava pra ela com medo de ser igual a ela, lembro que falava pra minha amiga: "Nossa, eu não quero ser tia avó", porque eu pensava nela e achava que era uma figura triste e sozinha. Isso não era eu olhando para o que estava na minha frente, mas sim um medo que eu tinha de outras coisas e que eu colocava nela, porque ela era aquela referência. Eu tinha uma questão com o esquecimento. Quando eu era criança eu pensava muito nessa questão de descendência, não deixar uma família pra lembrar de você... Uma das fotos que ela está com a Vera a gente colocou em um porta retrato em casa, a gente deixa na sala. Porque é isso, qual é o lugar da foto da família dentro de uma família? Têm as caixas, têm os álbuns e têm os porta retratos também. Eu acho muito bacana coisas em caixas, na minha família a maioria das coisas estão em caixas. Mas o porta retrato é aquela foto que você escolhe pra ficar ali, pra você ver, uma memória que está presente e quando você passa você vê. Eu tinha essa vontade de ressignificar o que eu sentia quando eu era criança, mas também como uma homenagem à ela. Não é porque você é lésbica e não teve filhos que você não pode ter a sua memória preservada em um lugar de muito carinho dentro da família. Porque a gente sempre tem carinho pela nossa mãe, pela nossa avó, pela nossa bisavó, mas quem lembra da sua tia avó, do seu tio avô? Sua tia avó tem os netos dela... Tios avós ficam um pouco mais distantes. Mas aí depende de quem é a sua tia avó. A tia Isis não foi uma presença cotidiana mas ela deixou uma enorme presença na minha vida, então eu vou ressignificar isso deixando as fotos no porta retrato, falando delas... Pra perpetuar a memória também, eu tenho essa vontade, acho que isso eu não podia deixar de falar. Porque isso tem a ver com toda a história de olhar pra ela, como uma pessoa sozinha e sem memória, e que agora tem memória! Alguém está falando dela. É um olhar de família mesmo, de alguém que um dia eu pensei: "Ninguém vai lembrar", sabe?

Luana: Eu lembro de uma coisa que você comentou comigo em uma outra conversa e que me

marcou bastante. Você estava falando justamente disso, desse temor que você tinha de não ter filhos... Então quem é que vai lembrar de mim? E você disse: "Ela não teve filhos, mas eu estou aqui lembrando dela!". Não existe um caminho único, né? Quando você sai da lógica pater familias você entende que existem muitas outras formas de contar uma história, de lembrar de uma história.

Gabriela: Tudo isso é um movimento de carinho para preservar uma memória, uma coisa que eu faço da minha parte como uma questão especial e pessoal, ter esse porta retratos em casa para perpetuar essa memória. Infelizmente ela não sabe, né? Eu sempre penso nisso, tenho vários cadernos em que desenho e escrevo e fico pensando: quem é que vai achar esses cadernos um dia? Acho que é bom deixar memórias pra trás, porque alguém vai achar. E aí que façam o que quiserem, essa é a minha visão. Você não precisa ter filhos... Você também não precisa deixar nada, mas se você quiser deixa. A tia Isis deixou umas fotos e eu peguei.